

Os Braços da Lancha

por José Peixoto



Em 20 anos, a lancha poveira do alto teve muitos braços a alar o vento, que por motivos diversos foram saindo e dando o lugar a outros. **José Teixeira** nasceu na Póvoa de Varzim em 1959. Trabalhou num laboratório, tornou-se pescador aos 18 anos, foi funcionário público e actualmente é profissional de metalomecânica, em vários países. Depois de 13 anos consecutivos como tripulante,

J

osé Teixeira

reconhece que a emigração acabou com a assiduidade: “há oito anos que deixei de poder integrar a tripulação. Quando trabalhava na Corunha, ainda fui ter com a tripulação aos encontros de Cambados. Sempre que se proporciona navegar na lancha, como aconteceu no 1º encontro de Embarcações Tradicionais da Póvoa de Varzim, digo presente, porque quem integra aquela tripulação não quer mais sair”.

José Teixeira

Descendente de pescadores, **José Teixeira** conta como se tornou tripulante: “quando soube que estavam a fazer uma réplica da lancha poveira, fui acompanhando a construção e só não estive no bota abaixo porque fui para o Algarve competir num concurso de pesca desportiva. A minha primeira viagem foi a La Guardia, na Galiza. A lancha está-me no sangue, temos uma sigla de família Os meus tetravôs eram pescadores, mas nas últimas três gerações fui o único pescador na família”.

Quem conta um conto acrescenta um ponto, mas o protagonista da queda no rio, com a câmara de vídeo, conta como aconteceu: “foi na doca de Alcântara, onde estava o navio Escola Sagres e outros veleiros. Eu ia à proa, agarrado à vela, a filmar. Só ouvi o som do mastro a quebrar e fui parar à água com a câmara. Depois do mergulho venho à superfície e tenho como tecto a vela. O Manuel Lopes estava a sota vento, onde não deveria estar, mas era proibido proibir aquele grande marinheiro, porque ele tinha que registar tudo. Como presumi que ele também tivesse caído, comecei à procura dele. Mas Manuel Lopes não tinha caído, a vela arrastou-o, apertou-o e partiu-lhe a bacia. Depois passaram-me um cabo e voltei para dentro da lancha com a máquina de filmar”, explicou.

Entre as muitas peripécias engraçadas a bordo da lancha poveira, **José Teixeira** não esquece a regata de Brest a Douarnenez: “na altura não tínhamos motor, mas como a lancha estava a deitar fumo, a fiscalização da regata desconfiou e veio ver. Estávamos apenas a assar peixe e a tratar do tacho”.

A viagem a Ribeira de Santa Eugénia, na Galiza, também fez a adrenalina subir: “no regresso estava uma forte nortada e fizemos a viagem empoleirados num bordo a ver a lancha a seguir à frente do vento, de vela rizada, a rasgar o mar. Com redobradas atenções, para o caso de ser necessário arrear o pano. Era um tempo em que nem sequer tínhamos um rádio para contactar alguém. Estávamos na “Fé em Deus” e algures no mar. Outros com aquele vento tinham procurado o porto mais próximo e abrigavam-se em Caminha ou Viana, mas os poveiros nunca desistem”, concluiu José Teixeira.

A lancha poveira deixa sempre saudades: “tenho muito orgulho por cá ter andado. A lancha está aberta a toda a gente e espero que assim continue. Não há um grupo reservado, vão uns e vem outros. A renovação é um sinal de continuidade. Os mais novos sempre beberam as histórias dos mais velhos pescadores que serviram a lancha, o Ti Zé era um deles. O mestre Nia é um lobo do mar e uma estória viva do pescador. Agrada-me ouvi-lo e ainda ver a sua jovialidade. A lancha é uma paixão que nos agarra e prende à vida dos nossos antepassados. A minha filha e o meu filho já navegaram na lancha poveira e sempre que quiserem podem fazê-lo, porque a Fé em Deus” é de toda a gente”.

A Voz da Póvoa (19 Outubro 2011), p. 15.

[URL ->](#) | PDF ->